

Entrevista*

Persio Arida, sócio do BTG Pactual

Banqueiro foi preso político nos anos de chumbo

* Aos 61 anos, o economista foi presidente do Banco Central e do Banco

Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Foi também dos conselhos de administração dos bancos Itaú e Unibanco, da Vale e da Sul América.

‘O BRASIL PRECISA DE MENOS INTERVENCIONISMO’

Economista defende mudança radical na condução da política econômica



NILTON FUKUDA/ESTADÃO

Receita. Persio Arida sugere que o governo faça tudo ao contrário do que fez até agora

David Friedlander
Ricardo Grinbaum

O economista Persio Arida, um dos mais respeitados do País, defende uma guinada radical na condução da economia e faz uma proposta para arrear os desenvolvimentistas: “Uma política mais decididamente liberal e menos intervencionista, mais pró-mercado”. Diz que um país como Brasil, que cobra impostos como se fosse a Inglaterra, mas não investe quase nada como contrapartida, “está fazendo algo de muito errado”. E mais: acha que o País perdeu seu potencial de crescimento.

A receita de Arida prega que o governo faça tudo ao contrário do que fez até agora: corte seus gastos, acabe com os subsídios a empresas privadas, segure os bancos públicos na concessão de crédito, procure acordos comerciais com os Estados Unidos, Europa e Ásia e esqueça o Mercosul.

Sócio do banco BTG Pactual, um dos pais do Plano Real (que estabilizou a economia em 1994) e estrela do governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Arida fez oposição ao regime militar e foi preso nos anos 70. Aos 61 anos, diz ter ficado entusiasmado com as manifestações de junho, que acompanhou pelo noticiário e ao vivo da janela de seu escritório na Avenida Brigadeiro Faria Lima, em São Paulo, palco de uma das passeatas. “Confesso que, dado o meu passado, fiquei com muita vontade de descer. Mas acabei achando que passei da idade para isso.”

A seguir, os principais trechos da entrevista:

● O dólar disparou, a economia está parando e a inflação continua alta. A economia desandou?

O Brasil enfrenta uma conjuntura internacional adversa, provocada pela desaceleração da China e pela normalização da taxa de juros dos Estados Unidos. O freio de arrumação chinês tem consequências na demanda por commodities, portanto, afeta os países emergentes. A economia americana, por sua vez, está em franca recuperação e a taxa de juros de longo prazo já está subindo. É natural que os capitais

refluam para os Estados Unidos. Os efeitos desses movimentos no Brasil foram potencializados por uma economia que já vinha fraquejando há algum tempo. É lamentável constatar isso, mas nossa realidade hoje é de baixo crescimento estrutural. Os sinais são claros.

● Quais são esses sinais?

O crescimento da massa salarial perdeu o vigor, a geração de novos empregos é cadente, o crédito em bancos privados como proporção do PIB (Produto Interno Bruto) já está constante há um ano. A expansão de crédito é feita pelos bancos públicos, que obviamente seguem uma orientação governamental. Isso é mais preocupante quando se leva em conta que a política fiscal é expansionista e a taxa de juros estava baixa. Significa que nem dando muito gás a economia está crescendo.

● O que está dando errado?

O potencial de crescimento reflete a situação do País, mas também as políticas macroeconômicas. Acho que o Brasil teria muito a se beneficiar de uma menor intervenção estatal na economia, de uma redução dramática do volume de subsídios às empresas, de uma contração fiscal. Ou seja, da redução do tamanho do Estado, tirando menos impostos da sociedade e gastando menos. A abertura comercial também ajudaria muito. Claro que há entraves diplomáticos, tem Mercosul etc. Mas acho que fazer acordos de livre comércio com os parceiros comerciais que importam, que são Estados Unidos, Europa e Ásia, seria mais produtivo do que insistir no caminho do Mercosul.

● Isso é o contrário do que vem acontecendo...

É o contrário da tendência dos últimos anos, com certeza. Mas é um caminho que o Brasil precisa percorrer. Pense nas manifestações de junho. Longe de mim querer simplificar esse fenômeno social complexo, mas a tônica foi a demanda por um Estado mais eficiente. Nosso Estado é grande, a começar pela carga tributária, a maior entre os países emergentes. Cobramos impostos como país desenvolvido e entregamos serviços públicos de país subdesenvolvido.

● O sr. chegou a participar das manifestações?

Cheguei a olhar, mas não desci (uma das passeatas passou em frente à sede do BTG, em São Paulo). Confesso que, dado o meu passado, fiquei com muita vontade de descer, mas achei que já tinha passado da idade para isso. Mas, olha, a população brasileira está mais madura para o debate orçamentário do que as pessoas pensam. O debate antes era muito centrado no déficit. Hoje se discute também a qualidade do gasto. Uma coisa é ter um déficit pequeno com o Estado gastando todo seu dinheiro em subsídios. Outra coisa é ter um déficit pequeno com o Estado gastando todo seu dinheiro em infraestrutura. As pessoas estão prestando atenção.

● Os críticos do governo defendem a troca da equipe econômica, inclusive do ministro Guido Mantega. O sr. concorda com essa avaliação?

Não cabe a mim avaliar isso. Mas acho que uma política decididamente mais liberal e menos intervencionista, mais pró-mercado, certamente aumentaria nosso potencial de crescimento. Isso passa por uma agenda muito diferente da agenda desenvolvimentista. Por exemplo: o volume de crédito precisa diminuir dramaticamente, os subsídios do Tesouro, a empresas ou setores específicos, têm de diminuir. São coisas que parecem intuitivamente boas, mas na verdade são ruins.

● Como o governo pode lidar ao mesmo tempo com o grito das ruas por mais investimentos, a pressão dos investidores pela redução dos gastos públicos e as eleições do ano que vem?

A pressão da sociedade não é por mais gastos. É por mais investimento em infraestrutura e por melhor eficiência na saúde. O problema no sistema de saúde, assim como na educação, não é que se gaste pouco – é que se gasta mal. Com relação às pressões orçamentárias típicas de anos eleitorais, isso não é só uma sina brasileira, os governos geralmente ampliam gastos nesses períodos.

● Vários investidores se dizem apreensivos com o desarranjo das contas públicas e com o crescente desequilíbrio das contas externas. Corremos o risco de entrar novamente em crise?

A combinação de uma conjuntura internacional adversa com o fraco potencial de crescimento do Brasil mais os efeitos da antecipação do calendário político criaram um ambiente de

incerteza muito grande. É claro que isso tem um efeito ruim sobre a atividade econômica. Você vê estrangeiros que vendem seus investimentos para repatriar capital, que é uma das forças que levaram o dólar a subir. Está todo mundo mais preocupado com seu emprego, com sua renda, em poupar um pouco mais. Tudo isso diminui a demanda agregada da economia.

● Mas podemos entrar em crise ou não?

Olhando os componentes de demanda agregada, o consumo vai se retrair, o investimento também, gastos de governo ao menos não vão se expandir. Só vão crescer as exportações líquidas, pelo efeito da taxa de câmbio. Será que o ganho das exportações compensará a queda de consumo e investimento? Acho que não, o que significa que o PIB vai crescer menos. É bom lembrar também que houve uma forte subida da taxa de juros. Acho difícil escapar à conclusão de que o Brasil vai crescer ainda menos.

● Muitos analistas entendem que o governo se perdeu na condução da política econômica. O sr. concorda?

Não sei se perdido é o termo correto. Mas certamente ele não teve eficácia nas suas tentativas. Os investimentos em infraestrutura, por exemplo. O governo anunciou as concessões de rodovias, voltou atrás, anunciou de novo, melhorou as condições... Claramente é um processo em que não há sintonia entre o que o governo está fazendo e o que os investidores procuram. Veja as mudanças do quadro regulatório. Algumas delas foram desastrosamente implementadas, como no caso de energia elétrica. O efeito sobre os investidores é devastador.

● Quanto isso afeta?

É difícil para um investidor estrangeiro achar que o caso da energia elétrica foi um caso isolado e não vai se repetir em outras concessões. Qualquer que tenha sido a intenção original, o efeito é aumentar a incerteza sobre a economia brasileira. É ruim porque o que o Brasil mais precisa hoje é atrair capitais privados para infraestrutura. O País tem duas rotas de crescimento óbvias e ambas requerem mudanças na política estatal: uma é criar condições regulatórias para atrair capital privado para infraestrutura; a outra é diminuir o tamanho do Estado. É preciso ser duro na política fiscal para baixar juros. A gente

tem de viabilizar inflação baixa e taxas de juros baixa. Os dois.

● Houve leniência com a inflação?

É fácil analisar depois. Na prática, desde que o sistema de metas foi anunciado, a inflação tem ficado muito mais acima da meta do que abaixo dela. De 1999 para cá, esse é o padrão, o que sugere que o Banco Central dos últimos três presidentes foi menos duro do que poderia ter sido na política monetária. Mas isso não é novo. O novo é a inflação ficar batendo no topo por tanto tempo e o fato de que as expectativas de inflação estão, digamos, desancoradas. Nesse sentido a situação é pior do que antes.

● Por quê?

Antes, a inflação subia, mas, no longo prazo, as pessoas achavam que ela ia voltar para a meta. Agora, a inflação subiu e as pessoas não acham que vai voltar. Tão grave quanto ter deixado a inflação chegar no topo foi ter deixado as expectativas decolarem e ficarem desancoradas. Isso vai fazer o trabalho de trazer para a meta muito mais difícil do que poderia ter sido. Aliás, acho que a meta de 4,5% é muito elevada. O ideal seria baixar.

● Agora? Para quanto?

Agora, não. Mais para a frente. O ideal seria fixar uma meta mais realista, 3% e agir de forma a efetivamente garanti-la.

● Dois anos atrás o sr. foi o primeiro economista de peso a defender a redução dos juros...

Continuo gostando de juros baixos. Mas é preciso avaliar o contexto. Quando a política fiscal é muito expansionista, a taxa de juros tem de ser alta, para manter a inflação sob controle. Ou então é melhor desistir de manter a inflação sob controle – não tem mágica. A maneira de explorar ao máximo o potencial de crescimento da economia brasileira é viabilizar a taxa de juros baixa. Só que não pode ter inflação.

● Mas esse é o problema...

O ponto é que o Brasil precisa reduzir o custo de capital para crescer. Mas como ter taxa de juros e inflação baixas? O segredo é só um. Cortar gastos públicos, diminuir impostos e abrir a economia. Um País como o nosso, que arrecada 36% do PIB, uma taxação inglesa, e investe só 0,5% do PIB, está fazendo algo de muito errado.

● O governo parece convencido disso?

Várias medidas necessárias dependem de vontade política. A mais óbvia é mudar a lei de indexação do salário mínimo. É uma excrecência: o mínimo sobe automaticamente com o PIB, em termos reais. Quem ganha salário mínimo merece ter aumento real, é óbvio que sim. Mas o problema não é esse. É que ele é piso para todas as negociações sindicais. A economia funciona como se tivesse choques de salário real e indexa as aposentadorias. Quando o País cresce, o valor real das aposentadorias do setor público cresce também.

● Mas isso é ruim?

O Brasil é o único país que conheço no mundo que dá compulsoriamente aumento real de pensão para aposentados. No fundo, está tirando renda dos segmentos ativos da sociedade e transferindo para os aposentados. Todo mundo tem o direito de se aposentar e ter uma boa renda. Mas ter aumentos reais automaticamente num país carente como o nosso? Reduzir o valor real das aposentadorias seria injusto, mas dar aumento automático também é injusto com os outros que trabalham.

● Com que taxa de juros o sr. está trabalhando?

Eu acho que o nível de atividade vai surpreender para baixo, a inflação também, e a taxa de juros vai ter de subir menos do que se imagina. Algo entre 9,5% e 10% no máximo.

● O sr. está imaginando uma recessão no Brasil?

Recessão, tecnicamente, tem muitas definições diferentes. Com certeza vamos crescer abaixo de 2%. Algo em torno de 1,8%.